

Brasil enfrenta dilema de crescer ou frear

72

ECONOMIA - BRASIL

O crescimento sustentado da economia brasileira voltou ao centro das discussões, com a disparada do dólar nas últimas semanas e a reviravolta nas trajetória dos juros da economia. "Criamos um medo de crescer porque quando isso ocorre as importações disparam, aumenta o déficit das transações correntes e a necessidade de o País obter dólares para honrar os compromissos externos", disse o economista Antônio Corrêa de Lacerda, presidente da Sociedade Brasileira das Empresas Transacionais (Sobeet).

A situação torna-se ainda mais complexa diante das sucessivas crises externas, que reduzem o fluxo de capitais no mundo, incluindo aqueles destinados aos mercados emergentes. Ou seja, o País permanece refém da vulnerabilidade externa, refletida na taxa de câmbio.

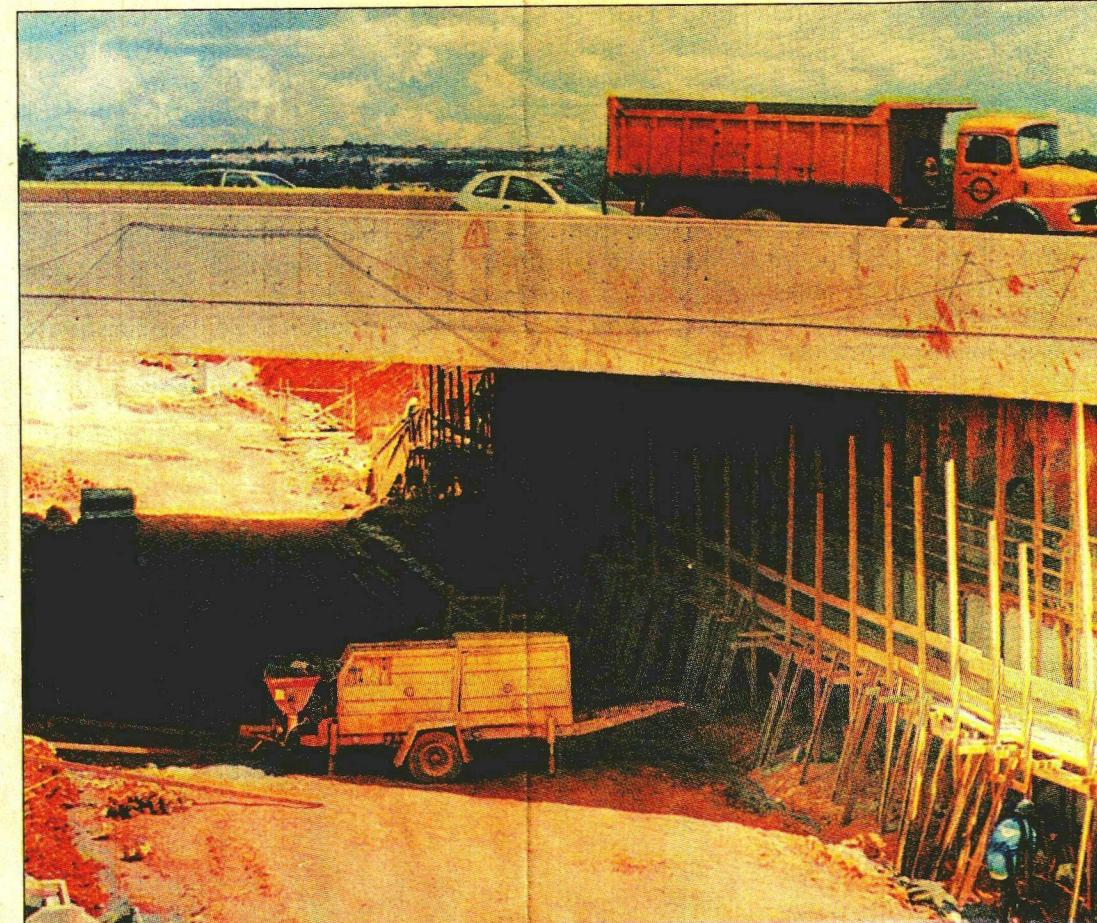
"O efeito perverso dos choques externos freqüentes é que eles acabam emperrando o crescimento e a cada crise fica mais difícil rearticular e mobilizar os investimentos", observou a ex-diretora do BNDES

Lídia Goldenstein. Ela concorda que o Brasil voltou a enfrentar o dilema de "pisar ou não no freio".

Os dois itens que contribuem para o déficit no balanço das transações correntes são os saldos negativos da balança comercial e do balanço de serviços - a soma das transferências unilaterais, do balanço de serviços e da balança comercial compõem o balanço em transações correntes. No ano passado, a balança fechou deficitária em US\$ 698 milhões e o déficit nos balanços de serviços ficou em US\$ 25,7 bilhões, dos quais US\$ 15 bilhões foram destinados ao pagamento de juros sobre a dívida externa.

Crescimento econômico exige dólares para honrar compromissos externos

São as importações, entretanto, que estão diretamente relacionadas ao crescimento brasileiro. De acordo com o economista Júlio Sérgio Gomes de Almeida, diretor executivo do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (IEDI), o déficit comercial brasileiro se concentra no setor industrial, deficitário em US\$ 13 bilhões - depois da abertura dos anos 90, aumentou o grau de importações especialmen-



A CADA crise fica mais difícil rearticular e mobilizar os investimentos que o País precisa para crescer

te dos setores intensivos de tecnologia.

O setor agrícola, por exemplo, é altamente superavitário, em US\$ 12,3 bilhões - o País é o maior exportador de soja e de café do mundo. Segundo Júlio, os combustíveis também contribuem com um déficit de

US\$ 5,5 bilhões. A base de dados é da ONU e se referem ao ano de 1999, cobrindo 237 setores que foram classificados segundo os critérios setorial e de intensidade tecnológica.

"Não é à toa que em qualquer movimento de aceleração do crescimento econômico

doméstico, são esses setores que têm a demanda aumentada, tendendo a agravar o desequilíbrio", disse. Afinal, para a economia crescer a uma taxa de 4,5% ao ano, a indústria tem de crescer 6%. "Portanto, não há também como crescer sem pressionar o câmbio".

TONINHO TAVARES